Acervo ISA

18102197 6-7
233

REPORTAGEM ESPECIAL

O FUTURO VIROU CINZA

WARNER BENTO FILHO
E TINA COELHO
Enviados especiais

Maior pólo madeireiro do país, Paragominas, no Pará, é o retrato da destruição e do caos. É a Amazônia aberta ao saque, onde a exploração da madeira deixou um rastro de miséria

DESTINO DO ESTADO É AMBIENTE EM RISCO

A cada passo levanta uma pequena nuvem de pó. Uma mistura de areia fina, cinza e serragem. Ao fim da tarde, com a ajuda da fumaça, essa mistura vai tornando o ar irrespirável. O nariz e os olhos ardem, a garganta irrita. As luzes do pôr do sol desenham o tênue contorno de uma imensa nuvem que cobre toda a cidade. Quando anoitece, a escuridão destaca centenas de enormes fogueiras que, ao longe, são manchas vermelhas perdidas no breu e lembram feridas que não cicatrizaram.

Casas miseráveis de madeira com gente miserável dentro completam a paisagem. Ironicamente, essa urbanidade caótica está cercada por um verdadeiro tesouro, uma incomparável exuberância de vida: a Floresta Amazônica. A *ilha* chama-se Paragominas e está a 250 quilômetros a leste de Belém, no Pará.

É o maior pólo madeireiro do Brasil, a maior concentração de serrarias por metro quadrado de que se tem conhecimento. Uma terra de contrastes onde os barracos convivem com enormes mansões. Onde *outdoors* anunciam o carro do ano para uma esmagadora maioria com salário mínimo na carteira de trabalho. Uma cidade de 93 mil habitantes que não existia há 30 anos e agora tem consumidores suficientes para gastar nos três pequenos shoppings-centers existentes em torno da praça.

Metade da madeira extraída da floresta não é aproveitada. Os rejeitos são queimados em fogueiras, tornando o ar de Paragominas irrespirável

PARAGOBALA

Uma cidade cujo apelido é *Paragobala*, onde viver é muito perigoso; onde pistoleiros fazem parte do cotidiano, onde não é aconselhável ser sindicalista nem processar ex-patrão. Um lugar de mutilados, de gente que perdeu dedos, braços, pernas e a própria vida transformando árvores em tábua.

"Já me encararam muitas vezes na boca do 30", conta o presidente do Sindicato dos Trabalhadores das Serrarias de Paragominas, Raimundo Alves Meireles, usando a gíria local para designar revólveres calibre 38. Assim funciona Paragominas, campeã de derrubada de árvores no estado que tem 2 mil serrarias e fornece 65% de toda a madeira consumida no país.

Mesmo que pareça inacreditável, foi só agora — depois de serem derrubadas, a cada ano, mais de 500 mil árvores — que o Ibama resolveu fazer uma ampla fiscalização para verificar a situação dos projetos de manejo de florestas. Iniciada com atraso em dezembro, a vistoria, atrapalhada pelas chuvas, ainda não foi concluída.

Até agora os fiscais têm uma única certeza: praticamente ninguém respeita a legislação e, por isso, grande parte das licenças de exploração de florestas devem ser canceladas ou suspensas.

A situação é complicada. Na cidade que nasceu à beira da Belém-Brasília, na década de 60, mais da metade da população depende diretamente da indústria madeireira para sobreviver. Nem sempre foi assim. Os pioneiros não foram para lá em busca de madeira, mas de pasto. A floresta foi simplesmente queimada para abrir espaço para o gado. Como a terra se mostrou fraca para pastagens, a atividade não vingou.

TERRAS DEVOLUTAS

Com a exaustão da Floresta de Araucárias e da Mata Atlântica, na década de 80, a região foi invadida por madeireiros das regiões sul e sudeste, atraídos pela facilidade da estrada, pela boa localização, pelo baixo preço da terra e, melhor, isenção total de impostos.

Há 20 anos, a Amazônia fornecia 14% da madeira consumida no país. Agora 74% da madeira vem de lá. Ainda hoje, depois de toda a valorização da terra, é possível comprar um hectare de floresta por R$ 100 ou menos. Toda a região é de terras devolutas (de propriedade do Estado).

Agora, a exploração da madeira também começa a entrar em decadência. Há cinco anos, os madeireiros não precisavam viajar mais de 30 quilômetros para derrubar árvores de valor comercial. Agora eles têm de percorrer, em alguns casos, mais de 180 quilômetros, o que encarece os custos — embora ainda seja um bom negócio. Algumas serrarias já fecharam as portas, deixando um rastro de milhares de hectares devastados.

Os madeireiros se dividem entre duas alternativas: dar prosseguimento à vida nômade, extraíndo o que a natureza oferece sem jamais repor nada e buscando nova área assim que a primeira se exaurir, ou mudar de ramo. O novo prefeito de Paragominas, Sidney Rosa, conhece o assunto. Dono de uma das maiores serrarias da região, a Rosa Madeireira, o empresário é ex-presidente do sindicato dos madeireiros.

À frente da prefeitura de Paragominas, pretende incentivar os empresários da cidade a investir no cultivo de soja, milho e algodão. "Há um milhão de hectares desmatados no leste paraense. Vamos aproveitar esta área para plantar soja", entusiasma-se o prefeito. Segundo ele, uma lavoura experimental de soja na região produziu 63 sacas por hectare, quando a média nacional é de 38. Mas é bom esclarecer que essa produtividade foi alcançada em terras que jamais haviam sido cultivadas, e que a tendência é que esse índice caia gradativamente a cada ano.

ATRASO

Até hoje, a agricultura de Paragominas se resume a lavouras de subsistência. E as técnicas de plantio são as mais rudimentares. "O solo não é muito propício para a agricultura, mas dá para aproveitar. Planta-se um ano e a terra responde bem. Mas depois é preciso deixar a área em repouso por três anos. Depois queima-se o mato e planta-se de novo", explica o presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Paragominas, Guilherme Ferreira Brito.

O manejo para a pecuária é ainda mais desastroso: a vegetação é queimada todos os anos, empobrecendo o solo — deixando-o cada vez mais arenoso e sem cobertura — destruindo fauna e flora e poluindo o ar.

Extrair madeira em Paragominas é tão barato que mais da metade do produto que sai da floresta vira rejeito e é queimado como lixo, a céu aberto — são as fogueiras que se avistam à noite. Uma pequena parte é aproveitada como carvão. "Estamos produzindo mais resíduo que produto e não temos como aproveitar isso", reconhece o prefeito.

Se o atual ritmo for mantido, em 40 ou 50 anos as florestas de Paragominas estarão totalmente esgotadas. O maior problema que isso acarreta é a perda da biodiversidade. De cada três espécies de plantas existentes nas florestas tropicais, uma está na Amazônia, até aonde se conhece. Milhares de espécies de plantas e de animais são destruídos antes de serem conhecidos. Além disso, diferente das florestas da América do Norte e da Europa, as tropicais, uma vez destruídas, talvez nunca se restabeleçam.

O sindicalista Raimundo Alves Meireles: "já estive muitas vezes na boca do 30"

SARAIVADA

O ecologista Camilo Viana, presidente da Sociedade de Preservação dos Recursos Naturais e Culturais da Amazônia (Sopren), famoso em Belém por suas posições polêmicas, faz uma saraivada de críticas à ocupação da Amazônia.

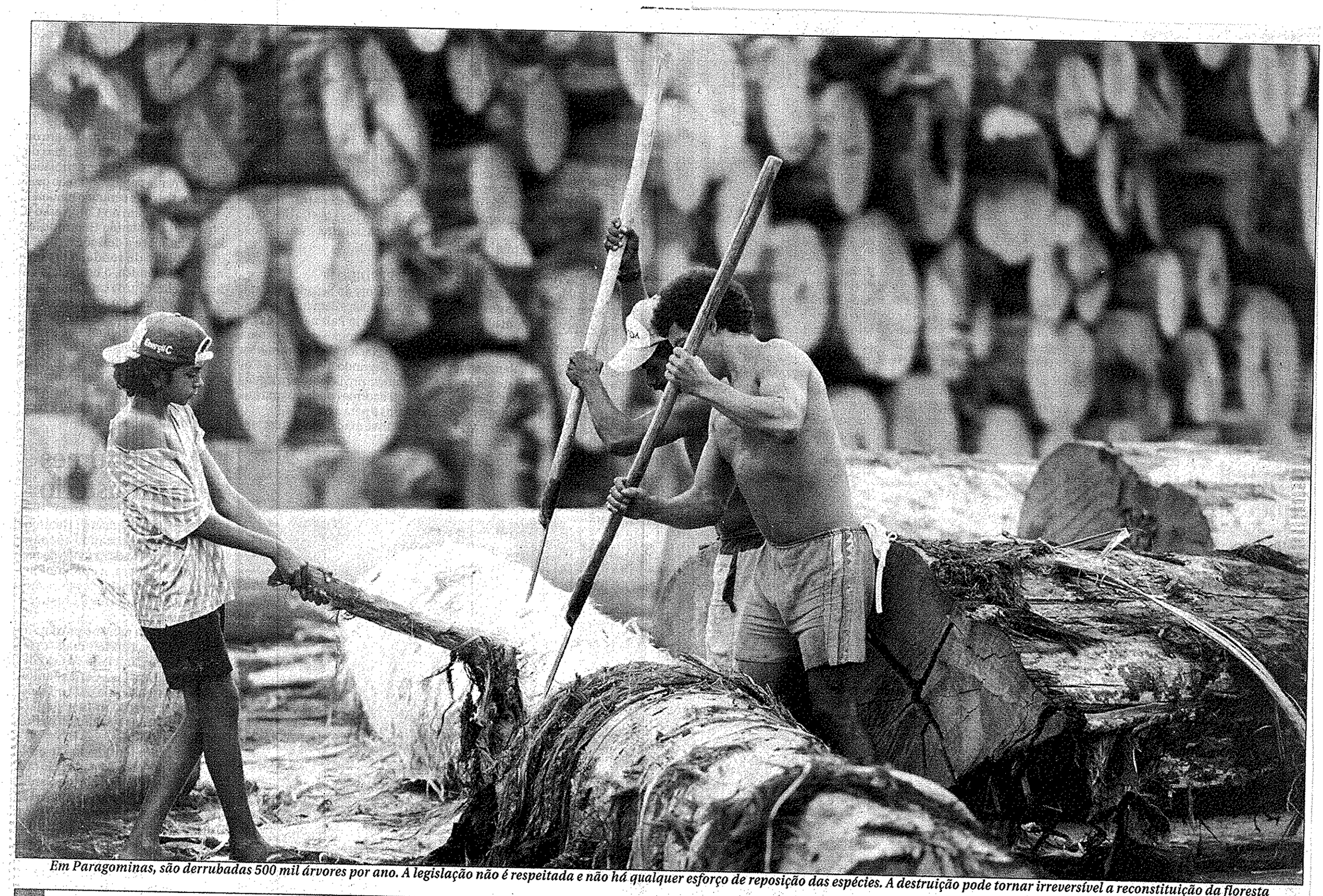
"A exploração da madeira é causa, não efeito: causa pobreza, ressecamento de igarapés, empobrecimento da biodiversidade, corrupção. Está se promovendo na Amazônia a devastação total não só do meio ambiente mas também do homem da região. Os madeireiros estão fazendo um festival predatório, com um verdadeiro assalto à biodiversidade. Centenas de igarapés estão sendo destruídos com a derrubada das matas ciliares. A Amazônia é aberta ao saque. É a casa da mãe joana. A extração de madeira é pirataria pura, sem nenhum controle. O Ibama é um órgão inteiramente impotente, incapaz de fazer qualquer coisa. Não há quem impeça a destruição. A corrupção de fiscais é corriqueira", dispara Viana.

No elogiadíssimo livro *A Ferro e Fogo*, lançado no fim do ano passado pela editora Companhia das Letras, o norte-americano Warren Dean, estudioso das florestas brasileiras, assombra-se com a devastação das matas do país.

"A destruição dessas florestas é irreversível, no âmbito de qualquer escala temporal humana. Quando a floresta tropical é destruída, a perda em termos de diversidade, complexidade e originalidade não é apenas maior que a de outros ecossistemas: é incalculável. O desaparecimento de uma floresta tropical é uma tragédia cujas proporções ultrapassam a compreensão ou a concepção humanas", escreveu Dean, morto em 1994, num acidente de carro no Chile, logo depois de concluir o livro.

Acervo ISA

CB
12/02/97
239
cont



Em Paragominas, são derrubadas 500 mil árvores por ano. A legislação não é respeitada e não há qualquer esforço de reposição das espécies. A destruição pode tornar irreversível a reconstituição da floresta

ANÁLISE DA NOTÍCIA

A FILOSOFIA DO GARIMPO

Warner Bento Filho
Da equipe do Correio

A relação do homem com os recursos naturais no Brasil pode ser explicada pela filosofia do garimpo. É assim desde sempre. Os primeiros colonizadores arrasaram com a Mata Atlântica, acabaram com a floresta de araucárias no sul, derrubaram até o último exemplar da árvore que deu nome ao país, o pau-brasil. Tiveram com as florestas a mesma relação que com as minas de metais preciosos: só se ocuparam de extrair, jamais de repor.

Passados quase 500 anos desde o descobrimento, a relação continua sendo a mesma. Os madeireiros que estão hoje na Amazônia são filhos e netos dos que extraíram madeira do resto do país até a exaustão. E continuam fazendo lá a mesma coisa.

A ocupação da Amazônia hoje é a repetição do que já aconteceu no país inteiro. Trata-se de explorar determinado recurso até a sua exaustão total. Garimpa-se tudo o que é possível. Acabada a mina, parte-se para outro local.

É isso que explica o comportamento dos madeireiros da Amazônia. Não se pensa em investir para lucrar depois e reinvestir para manter a sustentabilidade do negócio. Para que? Há terra em abundância a preço baixo e não há controle na extração.

Quando o madeireiro já tirou toda as árvores de valor comercial de um pedaço da floresta amazônica ele não precisa plantar mais: basta procurar uma nova área.

Os homens que fizeram a ocupação da Amazônia a partir da década de 70 buscaram sempre reproduzir lá as atividades que conheciam no sul e no sudeste do país — lavoura, criação de gado ou exploração de madeira.

Não há conhecimento científico para usar comercialmente a floresta reproduzindo as práticas do homem da região, que convive com a mata sem devastá-la, e a conhece como ninguém.

Entre todas as formas de agressão à Floresta Amazônica, a atividade madeireira tem se mostrado a mais nefasta, não só pelos danos causados diretamente à floresta como também pelo rastro de destruição e miséria que deixa.

Atualmente, o Brasil fornece 2% de toda a madeira comercializada no mundo. O mercado é dominado por países asiáticos, como Tailândia e Malásia. Mas, por culpa de práticas predatórias, a madeira destes países está com os dias contados. Estima-se que em dez anos os asiáticos não terão madeira para oferecer — porque o garimpo deles chegou ao fim. Então, a participação do Brasil no mercado poderá saltar de 2% para 40%. A partir daí, toda a complexa cadeia criadora de vida da Amazônia também estará com os dias contados. E poderá ser tarde demais para tentar preservá-la.

Em dez anos, 40% de toda a madeira vendida no mundo poderá sair do Brasil

UM EXÉRCITO PARA O EXTERMÍNIO

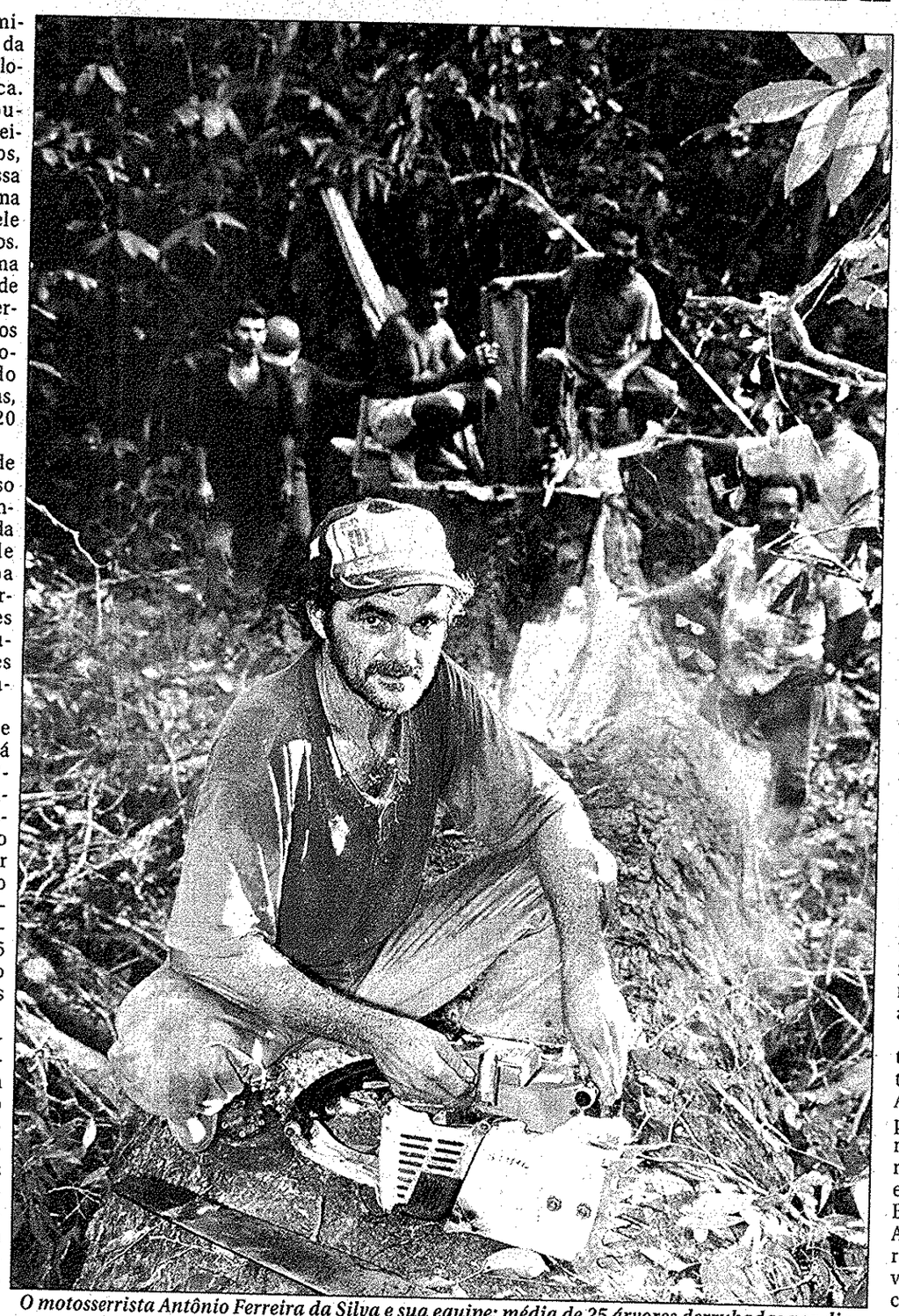
Faltam vinte minutos para as seis da tarde no meio da Floresta Amazônica. Motosserra em punho, Antônio Ferreira da Silva, 42 anos, caminha com pressa em busca da próxima árvore. Vão com ele outros seis operários. Fazem parte de uma categoria de cerca de mil homens que percorrem todos os anos as matas de Paragominas derrubando ipês, maçarandubas, jatobás e outras 20 espécies.

São sete meses de estiagem e é preciso fazer esse tempo render ao máximo. Cada equipe como a de Antônio derruba uma média de 25 árvores por dia. Antes das primeiras chuvas, 500 mil árvores terão sido derrubadas no município.

Antônio não sabe quantas árvores já derrubou hoje. "Acho que umas vinte", diz sem convicção, enquanto tira o capacete para coçar a cabeça. Em pouco tempo eles identificam uma maçaranduba com mais de 25 metros de altura, o tronco de quase dois metros de diâmetro.

A jornada chegando ao fim, os operários demonstram cansaço. É preciso caminhar muito dentro da mata para fazer este trabalho. As árvores de valor comercial com o diâmetro mínimo para serem abatidas — que varia de acordo com a espécie — ocorrem numa média de cinco por hectare. A maçaranduba deve ser a última árvore do dia. Os ajudantes começam a *prepará-la* para cair. Limpam da casca, na altura onde a motosserra irá ferila de morte, toda a terra e o material orgânico acumulado em talvez 50 ou 100 anos.

Um enxame de abelhas que fez da árvore sua casa recebe despejo imediato: usando o facão, um dos operários parte a colméia em pedaços. As abelhas se excitam e atacam o agressor que, sem se intimidar, continua o trabalho. Para encerrar, tira o capacete, derrama gasolina dentro, joga isso sobre o que restou da colméia e risca um fósforo.



O motosserrista Antônio Ferreira da Silva e sua equipe: média de 25 árvores derrubadas por dia.

SANGUE

As abelhas se dispersam irritadas e todo mundo leva sua cota de ferrões na pele. Tudo pronto para a derrubada. Antônio faz a motosserra roncar, estuda a árvore e põe mãos à obra. Afunda a máquina na árvore, que responde esguichando serragem sobre o rosto do operário.

Os companheiros se afastam e acompanham tudo de longe. Estão todos apreensivos. Não é raro que, ao cair, a árvore serrada leve consigo outras árvores, que estão ligadas a ela por cipós. Em geral os cipós ligam uma árvore a outras seis. Por isso é bom manter distância.

De repente, a motosserra desacelera e fica em silêncio. Então é possível ouvir pequenos estalos que saem de dentro da árvore ferida. Antônio percebe que o fato está consumado e trata, ele também, de se afastar de sua vítima. Os estalos aumentam e é possível perceber que a árvore começa a se mover. Já está caindo.

Durante a queda, se escutam ruídos que se assemelham aos dos trovões, ao barulho que provoca a descarga elétrica de um raio, enquanto a floresta vai se iluminando graças à clareira deixada pela árvore que cai. Ninguém diz palavra. No momento seguinte, a árvore já no chão, escuta-se a chuva momentânea das folhas que descem devagar, arrancadas da árvore abatida e das que estavam ao lado.

EM SÉRIE

O silêncio perdura por um momento. Logo em seguida, porém, Antônio volta a pôr em marcha a motosserra e a enterra em outra árvore, a cerca de cinco metros da que já foi abatida. De uma única estocada, a tora, de cerca de 60 centímetros de diâmetro, é praticamente degolada, se sustentando por uma pequena porção que ainda mantém contato com a base.

Mas, estranhamente, a árvore não cai. Está presa pelos cipós. Antônio, então, parte para uma árvore vizinha, menor, que poderia ter valor comercial em dez ou vinte anos. Esta também resiste. Ao final, ele acaba serrando outras cinco árvores, até que todas caem em conjunto. Somadas às sete que foram arrastadas na queda da maçaranduba, são treze árvores abatidas que ficarão abandonadas na floresta.

O relógio marca seis horas. Os operários juntam as tralhas e começam a caminhada para o acampamento, onde a cozinheira os espera com a comida pronta. Amanhã eles

LEIA AMANHÃ:
a segunda parte da reportagem sobre extração de madeira na Amazônia